
ENTREVISTA

HENRYK SIEWIERSKI, UM MEDIADOR MÚLTIPLO

Henryk Siewierski pertence, como Paulo Rónai e Anatol Rosenfeld, ao melhor da *intelligentsia* estrangeira que, tendo adotado o Brasil em um momento da vida adulta, vem contribuindo, de modo discreto e consistente, para a formação e renovação da cultura brasileira. Um dos traços distintivos de Henryk é saber conciliar o trabalho de tradutor com as funções de docente, pesquisador e administrador universitário. Ao longo dos anos foi publicando suas traduções ao mesmo tempo em que ministrava aulas, prosseguia um projeto autoral próprio, dirigia o Instituto de Letras da Universidade de Brasília e integrava o Conselho Editorial da Editora da UnB.

Como tradutor, cabe destacar que traduziu ensaio, ficção e poesia. Essa flexibilidade em transitar por diferentes gêneros espelha a flexibilidade em transitar por diferentes tradições e culturas.

Na Editora da UnB, de que é atualmente o diretor, Henryk fundou uma importante coleção de tradução poética, *Poetas do mundo*, em que apareceram, entre outros, o polonês Czesław Miłosz (em tradução sua em parceria com Marcelo Paiva de Souza), o sérvio Miodrag Pávlovitch (em tradução de Aleksandar Jovanovic) e o romeno Lucian Blaga (em tradução de Caetano Waldrigues Galindo), todos três do leste europeu, importantíssimos e pouco conhecidos entre nós. Mas na mesma coleção apareceram também o argentino Juan Gelman, o marroquino Tahan Ben Jelloun e o francês Francis Ponge. A seleção inicial da *Poetas do mundo* reflete bem o leque de escolhas de Henryk: divulgação pioneira dos grandes escritores da Europa do Leste, que ele conhece mais de perto e à está profundamente ligado em termos intelectuais e afetivos, e uma abertura a todas as literaturas do mundo, desde a América Hispânica, passando pelo mundo islâmico e não esquecendo a França. Ou seja, o resgate de grandes autores descuidados inclui tanto os sistemas literários periféricos como os centrais.

Essa multiplicidade de ação cultural se reflete igualmente em seu trabalho acadêmico, na co-organização do Congresso de Humanidades, uma parceria da UnB com a Facultad de Historia, Geografía y Letras da Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, de Santiago do Chile e que se realiza alternadamente na capital chilena e em Brasília.

No diálogo Brasil-Polônia, Henryk tem a peculiaridade de atuar nos dois sentidos. Se ele, sozinho, é responsável por boa parte da literatura polonesa traduzida no país, é também responsável pelo principal da divulgação e discussão do Brasil e da literatura de língua portuguesa na Polônia. Ao mesmo tempo em que traduz autores como Bruno Schulz para o português, traduz para o polonês Fernando Pessoa (*Mensagem* acaba de sair na Polônia, em uma tradução que ele foi limando durante décadas) e assim como escreve um manual de literatura polonesa em português, escreve sobre a Amazônia em polonês.

Finalmente, Henryk já orientou cerca de três dezenas de dissertações, teses e trabalhos de iniciação científica sobre temas de teoria literária, tradução, literatura comparada e literatura brasileira, sempre a partir de uma perspectiva mundial, e que sabe ser simultaneamente cultural e estética.

Walter Carlos Costa
UFSC

Cadernos de Tradução: *Como e quando você começou a traduzir?*

Henrik Siewierski: Considerando a tradução literária, as primeiras tentativas ocorreram no início dos anos 80, quando fui a Universidade de Lisboa como leitor de língua e literatura polonesa. Diante da inexistência das traduções da poesia polonesa em português, começamos com alunos do curso de polonês traduzir alguns

poemas e em pouco tempo deu para fazer uma edição caseira de uma pequena seleção de poetas poloneses contemporâneos. Essas traduções me ajudaram bastante a aprender o português. Outro “método” de aprendizagem de português foi traduzir poemas de Fernando Pessoa para o polonês. Assim traduzimos com o meu Professor, Agostinho da Silva, a *Mensagem*.

C.T.: *Você traduz para o polonês e para o português?*

H.S.: Sim, mas até agora predominantemente para o português.

C.T.: *Como é traduzir para uma língua não-materna?*

H.S.: Primeiro, para traduzir nessa língua “não-materna” é preciso querer nascer nela, ou seja nascer mais uma vez numa outra língua e assim você não pode tratá-la simplesmente como madras-ta ou uma estranha. O fato de ser possível ter só uma mãe biológica não quer dizer que só se pode ter uma língua materna. As crianças bilíngues ou trilíngues tem só uma língua materna? Será que as nossas mães não querem que dominássemos perfeitamente também outras línguas e dessa forma criássemos também com elas uma relação filial? Eu diria ainda que para ter essa relação filial com uma língua o domínio perfeito não é condição sine qua non. O que é preciso, é nascer nesta língua, mais cedo ou mais tarde depois da nossa chegada ao mundo. Diante disso eu poderia simplesmente responder a essa pergunta que não sei, porque nunca traduzi para uma língua a não ser a materna. Mas desconfio que vocês não iriam gostar muito dessa resposta de um tradutor que aprendeu o português aos trinta anos de idade, portanto vou responder de um outro jeito.

Ao traduzir para uma língua “não-materna” o tradutor fica um pouco mais livre do instinto normativo e pode aventurar-se nas “zonas proibidas” da língua, com a chance de descobrir-lhe novas pos-

sibilidades, negociadas em seguida num diálogo com seus “portavozes”, ou seja, falantes da língua-alvo. Supõe-se que o tradutor – neófito na língua de chegada, domina bem tal língua, mas nunca suficientemente para evitar os desvios e tropeços inadmissíveis do ponto de vista das normas vigentes. Estes desvios e tropeços, negociados com o “espírito da língua”, podem indicar resoluções novas, nunca dantes forjadas na língua-alvo e nunca aplicadas em traduções tradicionais, abrir novas possibilidades na exploração do potencial semiótico e dialógico do texto literário.

C.T.: Você já traduziu em colaboração. Quais as vantagens e desvantagens da tradução em parceria?

H.S.: Quanto a minha experiência de tradução em parceria eu só poderia falar em vantagens. Tive sorte de traduzir com pessoas com um extraordinário conhecimento das línguas e culturas, como Agostinho da Silva, Santiago Naud, Marcelo Paiva de Souza, e que também tiveram muita paciência comigo, de modo que o produto final não foi só o texto traduzido, mas também muito que aprendi. O que no início se apresentava como uma necessidade devido às minhas limitações em língua portuguesa, tornou-se depois uma grande vantagem, servindo não só a superação dessas limitações, mas antes de tudo a criação de uma variante *sui generis* de textos traduzidos, que mesmo se eu tivesse um domínio perfeito das duas línguas não seria possível.

C.T.: Como você vê as traduções do polonês para o português?

H.S.: Ainda são poucas, mas nos últimos anos houve um avanço. Além das traduções que eu tive oportunidade de fazer, saíram vários romances traduzidos por Tomasz Barcinski, entre eles a monumental Trilogia de Henryk Sienkiewicz. Saíram também traduções de Marcelo Paiva de Souza, hoje professor de Literatura Bra-

sileira na Universidade de Espírito Santo, que talvez seja o primeiro brasileiro a aprender polonês a ponto de poder traduzir as mais complexas e difíceis do ponto de vista da tradução obras literárias dessa língua e traduzi-las primorosamente. Surgiram também algumas traduções de poesia nas antologias de Nelson Ascher e Aleksandar Jovanovic e obras ensaísticas traduzidas por Mariano Kawka e um casal Ana Letícia Mikosz e Kenneth Hacynski da Nóbrega. As traduções da literatura polonesa publicadas anteriormente eram quase todas indiretas e muitas vezes, mesmo tratando-se de obras canônicas (caso Witold Gombrowicz) passaram despercebidas. As traduções dos últimos anos são diretas e geralmente tem uma boa repercussão.

C.T.: Como está o Brasil em termos de tradução de literatura polonesa comparado com outros países?

H.S.: Comparando com as traduções para inglês, espanhol, francês, alemão, as traduções para o português ficam bem atrás. Mas para o nosso consolo, quando comparamos com o Portugal, o Brasil está a frente.

C.T.: Há problemas específicos da tradução polonês-português do Brasil? Há diferenças entre as traduções do polonês em Portugal e no Brasil?

H.S.: Problemas não faltam, porque com toda a familiaridade polonesa com a tradição latina (até o século XVI o latim era língua oficial na Polônia), as línguas polonesa e portuguesa pertencem às famílias diferentes. As diferenças culturais também muitas vezes dificultam a tradução. Como, por exemplo, traduzir um poema de João Cabral de Melo Neto, que fala do canavial para língua de um país que não tem canavial e o significado dessa palavra corresponderia a “plantacja trzciny cukrowej”? Os dicionários polonês-português e vice versa são pequenos demais para servir a

tradução de um texto mais complexo e o tradutor é obrigado muitas vezes partir para uma “pesquisa de campo”. Um dos problemas específicos poderia ser decorrente da falta de artigo definido e indefinido em polonês, o que deixa espaço para maior indefinibilidade ou ambiguidade e dificulta às vezes a tradução para o português. Quanto às diferenças entre as traduções de polonês em Portugal e no Brasil, não existe em Portugal a tradição de traduções diretas de literatura polonesa e as traduções são poucas, na maioria indiretas. As iniciativas que surgem nos últimos anos são esporádicas, não há investimento na formação de tradutores. Talvez agora, quando já os dois países são membros da União Européia a situação mude. E no Brasil se publicou nos últimos 20 anos mais títulos traduzidos diretamente do polonês do que em toda a história de Portugal.

C.T.: Há problemas comuns na tradução do polonês e das outras línguas eslavas? A tradução do polonês se beneficia da experiência da tradução do russo, por exemplo, de maior tradição no país?

H.S.: O maior problema comum é que as literaturas das línguas eslavas, exceto da literatura russa, são pouco traduzidas em português. Não vejo como em termos concretos a tradução do polonês pode beneficiar-se da tradução do russo.

C.T.: Há muitos autores poloneses fundamentais que ainda não foram traduzidos?

H.S.: São muitos e muitas das obras fundamentais da literatura polonesa provavelmente nunca serão traduzidas. Assim quem quiser aprender a língua polonesa terá sempre uma boa recompensa.

C.T.: Como você vê a relação entre traduzir e ensinar e pesquisar literatura?

Com certeza o tradutor que é também pesquisador da literatura tem uma preparação melhor para exercer esse ofício, porque traduzir uma obra literária implica também a pesquisa, se por pesquisa entendemos um esforço para compreendê-la o melhor possível. O tradutor que também ensina literatura se beneficia do contato mais direto com leitores que são os seus alunos.

C.T.: *Existe uma tradição de teoria da tradução na Polônia?*

H.S.: Existem textos de reflexão sobre a tradução desde a época do Renascimento, quando a língua vernácula entrou em cena e começaram surgir traduções das obras clássicas. A bibliografia de textos teóricos sobre a tradução de autores poloneses é extensa e podemos encontrar nela contribuições interessantes não só de teóricos, mas também dos tradutores, como por exemplo de um dos maiores poetas e tradutores contemporâneos, Stanislaw Baranczak.

C.T.: *Você acha que a teoria da tradução pode ser útil na prática tradutória? É útil no seu caso?*

H.S.: Pode sim, talvez um pouco mais útil do que a teoria da literatura na prática literária. Considerando a prática da tradução literária uma arte, não se pode atribuir uma importância demasiada a background teórico do tradutor. Esse background precisa ser muito mais amplo, ter mais a ver com a prática do que com a teoria. A teoria da tradução vejo mais como um fruto da experiência da prática de tradução do que uma ferramenta para a tradução. Conheço vários tradutores que acabaram desenvolvendo reflexões teóricas interessantes, mas teria dificuldades de mencionar aqui nomes de teóricos de tradução que chegaram a produzir importantes traduções. Mas sem dúvida, a reflexão teórica, independentemente da sua utilidade, é um ramo importantíssimo da ciência.

C.T.: Você já traduziu ficção e poesia. Você poderia comparar as eventuais dificuldades de uma e outra?

H.S.: As minhas traduções da poesia polonesa para o português sempre foram em parceria, enquanto nas traduções de prosa eu me sinto mais independente. Comecei a aprender o português há 25 anos, como pessoa adulta, mas ainda não me aventuraria a traduzir a poesia para o português sozinho. Talvez um dia criarei a coragem. E não é só a questão da coragem. Acho que para traduzir a poesia para uma língua aprendida já na idade adulta é necessária uma longa vivência nessa língua até que ela dê a luz verde.

C.T.: Há obras importantes em outros gêneros na literatura polonesa que nunca foram traduzidos ou foram pouco traduzidos ao português?

H.S.: Sim. Obras dramáticas principalmente. E espero que o espírito de Zbigniew Ziembinski nos ajude a traduzir algumas das importantes obras do teatro polonês. Existem também obras ensaísticas que acredito iriam despertar o interesse do público brasileiro.

Entrevista concedida a Andréia Guerini e Walter Carlos Costa
UFSC

ANEXO

LIVROS TRADUZIDOS

Bronislaw Geremek. *Os Filhos de Caim. Vagabundos e miseráveis na literatura européia 1400-1700*. Tradução de Henryk Siewierski. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

Bruno Schulz. *Sanatório*. Tradução e introdução de Henryk Siewierski. Revisão de Nelson Ascher. Rio de Janeiro, Imago, 1994.

Cyprian Norwid. *O Piano de Chopin*. Tradução e Introdução de Henryk Siewierski e Marcelo Paiva de Souza. Brasília, Universidade de Brasília, 1994.

Quatro Poetas Polonese (Czeslaw Milosz, Tadeusz Różewicz, Wislawa Szymborska, Zbigniew Herbert). Tradução e prefácio de Henryk Siewierski e José Santiago Naud. Curitiba, Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 1994.

Bruno Schulz, *Lojas de Canela*. Tradução, posfácio de Henryk Siewierski. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

Tomek Tryzna, *Senhorita Ninguém*. Tradução de Henryk Siewierski. Rio de Janeiro, Editora Record, 1999.

Andrzej Szczypiorski. *Missa pela cidade de Arras*. Tradução de Henryk Siewierski. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.

Czeslaw Milosz. *Não mais*. Tradução e introdução de Henryk Siewierski e Marcelo Paiva de Souza. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2003.